PARQUE NACIONAL DA TIJUCA
construções e ruínas históricas

Luís Alexandre Franco Gonçales

APRESENTAÇÃO

A intenção deste trabalho é contribuir para a divulgação de aspectos não muito conhecidos do Parque Nacional da Tijuca e suas imediações, com destaque para as ruínas de antigas fazendas do 1° Ciclo do Café no Brasil desse período. Procurou-se registrar a presença da ocupação humana na região, por pessoas de origem nobre vindas da Europa e por plantadores brasileiros e portugueses, todos eles apoiados pelo indispensável trabalho escravo, não esquecendo também a importante iniciativa de reflorestamento naquela área. O Parque Nacional da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro é atualmente composto por quatro setores: Floresta da Tijuca; Serra da Carioca; Pedra Bonita / Pedra da Gávea; e Serra dos Pretos Forros/Covanca. No Parque existem várias construções e ruínas históricas que foram encobertas pela floresta de forma lenta, mas progressiva com o correr do tempo. São vestígios de casas de fazenda, senzalas, moinhos, represas e caminhos históricos que há décadas vêm sendo pesquisados em cerca de 150 sítios históricos. Este livro procura colaborar para sua divulgação, utilizando como fonte trabalhos de autores conhecidos e pesquisadores locais que fizeram o resgate histórico da região.

PREFÁCIO

O pesquisador Luís Alexandre Franco Gonçales é um grande conhecedor do Parque Nacional da Tijuca. Desde criança tem estado em contato com suas trilhas, ruínas e construções históricas. Acompanhou desde muito cedo o professor Carlos Manes Bandeira, o pioneiro da Arqueologia Histórica da Floresta da Tijuca, que desenvolveu pesquisas naquela área durante 30 anos e de quem foi sempre um colaborador dedicado e eficiente. Alexandre sempre se destacou por seu agudo senso de observação que o fazia enxergar detalhes muitas vezes despercebidos. Nas frequentes pesquisas, ele encontrou peças históricas de muita importância para o conhecimento do dia a dia dos antigos moradores, como pratos, botijas, fivelas, etc., que hoje fazem parte do acervo de importantes instituições culturais.

Aficionado por fotografia organizou um acervo bastante representativo de imagens da região. Possui uma vasta coleção de livros sobre o Rio Antigo e História do Brasil, que gentilmente empresta aos amigos, indicando os trechos e as informações mais importantes. Recentemente, atendendo a pedidos e sugestões de antigos companheiros de pesquisa, e de amigos que conhecem sua experiência nesse campo, decidiu publicar este livro, onde reúne importantes informações de aspectos históricos daquele parque nacional, dando sua contribuição para o conhecimento, a preservação e a divulgação desse aspecto específico da memória carioca.

Ronaldo Morais

Médico aposentado que pesquisa e fotografa construções históricas do Rio de Janeiro desde a década de 1970. É autor dos

livros "*Os arquivos da invasão*" (edição do autor), sobre a invasão do Rio de Janeiro em 1710 pelos franceses; "*Fragmentos do Rio Antigo*" (Edital), com André Luis Mansur; e *"Imagens do Rio Antigo hoje – Os bairros do Grande Méier*" (editora Multifoco), este junto com Márcio Palmeira.

O PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

O Parque Nacional da Tijuca é uma Unidade de Conservação Federal situada na cidade do Rio de Janeiro, coberta por floresta e que abrange uma área de 3.953 hectares. Está dividido atualmente em quatro setores:
Floresta da Tijuca
Serra da Carioca
Pedra Bonita / Pedra da Gávea
Serra dos Pretos Forros / Covanca.

Floresta da Tijuca – É a maior floresta urbana e heterogênea do mundo plantada pela mão do homem. Está situada na parte superior da Serra dos Três Rios, estendendo-se até a Estrada Menezes Cortes (Grajaú-Jacarepaguá). Em sua volta estão os bairros de Itanhangá, Alto da Boa Vista, Usina, Jacarepaguá, Grajaú e Andaraí. Sua entrada é feita pelo portão da Cascatinha, e sua saída pelo portão do Açude da Solidão. Há ainda o portão da Rua Marianópolis, no Grajaú, o portão Três Rios, supervisionado pela Cedae, e vários antigos caminhos que dão acesso a toda sua área. Em julho de 2012, a Floresta foi um dos locais que justificaram o título inédito recebido pelo Rio, de Patrimônio Mundial como paisagem cultural concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
Serra da Carioca - Localizada na parte superior da Serra da Carioca, que divide a zona sul da zona norte da cidade. Tem como vizinhos os bairros da Usina, Muda, Tijuca, Rio Comprido, Santa Teresa, Cosme Velho, Botafogo, Humaitá, Jardim Botânico, Gávea, São Conrado e Alto da Boa Vista**.** Este setor é atravessado pelas estradas Sumaré, Redentor, Corcovado, Paineiras, Vista Chinesa e Dona Castorina. Possui cinco portões de acesso: do Passo de Pedras, dos Macacos, das Caboclas, do Sumaré e das

Sapucaias, porém só permanece em atividade o portão do Corcovado. Desde 2004, o Parque Laje também faz parte do setor Serra da Carioca.

Pedra Bonita / Pedra da Gávea - Integrado ao Maciço da Tijuca, este conjunto tem suas encostas voltadas para os bairros: Gávea Pequena, São Conrado, Barra da Tijuca e Alto da Boa Vista. O acesso para a Pedra Bonita é feito pela Estrada das Canoas, e o da Pedra da Gávea pela Rua Sorimã.

Serra dos Pretos Forros / Covanca - Este conjunto, localizado ao norte do Maciço da Tijuca, possui como limite divisório a Estrada Menezes Cortes (Grajaú-Jacarepaguá), porém limita-se também com a zona norte da cidade e com Jacarepaguá. Seu acesso é feito pela Estrada Menezes Cortes e pela Estrada da Covanca. Este setor também foi incorporado ao PNT em 2004.

Origem do Parque Nacional da Tijuca

Inicialmente o Parque Nacional da Tijuca era denominado Parque Nacional do Rio de Janeiro, mas depois seu nome foi mudado para Parque Nacional da Tijuca para evitar equívocos em relação aos parques nacionais da Serra dos Órgãos e Itatiaia, que estavam localizados no antigo Estado do Rio de Janeiro. Outro motivo para sua mudança de denominação foi o fato de o Parque abranger o Maciço da Tijuca, que tem como ponto culminante o Pico da Tijuca.

Primitivamente, Tijuca* designava apenas a Barra e a Lagoa, mas a ocupação desses locais fez com que o nome se estendesse também para o Alto da Boa Vista e Floresta da Tijuca, substituindo nomes como Andaraí Pequeno, como era chamado o atual bairro da Tijuca e Muda.

*Tijuca, palavra de origem Tupi, tem o significado de pântano, charco, lamaçal, brejal ou também, caminho lamacento que leva ao mar.

Os Jesuítas e os Viscondes de Asseca

Após a fundação da cidade do Rio de Janeiro, os portugueses começaram a ocupação das terras utilizando o método de distribuição de sesmarias, onde os proprietários plantaram cana-de-açúcar usando o trabalho de africanos e índios. As plantações ficavam nas planícies e nos vales, e os engenhos e moinhos nos locais com abundante água corrente para movimentá-los, com madeira suficiente para o fornecimento de lenha.
A sesmaria dos padres jesuítas foi uma das primeiras. Nela eles construíram o Engenho Velho, na região da atual estação do metrô São Francisco Xavier. Doadas por Estácio de Sá, em 1567, as terras abrangiam grande parte da Zona Norte e a vertente norte das serras da Tijuca e da Carioca. No ano de 1707, os jesuítas ergueram o Engenho Novo. Em 1759, por ordem do marquês de Pombal, as terras da sesmaria do Engenho Velho foram confiscadas aos jesuítas, e leiloadas em 1762, em centenas de lotes e terrenos que formaram os atuais bairros de Grajaú, Vila Isabel, e Andaraí, e parte do Parque Nacional da Tijuca, também no lado do Grajaú.
A sesmaria da Cidade da Câmara, administrada pelo Senado, limitava-se com a dos jesuítas, junto às serras do Maciço da Tijuca e da Carioca.
Na área do Maciço da Tijuca, devido ao difícil acesso, durante a demarcação de seus limites, não foi colocado o marco com os dizeres "Senado da Câmara" para assinalar a linha divisória dos

terrenos da Cidade. A falta deste marco possibilitou que a família do visconde de Asseca ultrapassasse seus limites e ocupasse os terrenos da Cidade, que abrangiam os bairros desde a Cidade Nova, passando pelo centro da cidade e zona sul, até a Pedra da Gávea, englobando a maioria das serras da Tijuca e da Carioca, atualmente pertencentes ao Parque Nacional da Tijuca.

Em 1568, Mem de Sá, o Governador - Geral do Brasil, concedeu a Salvador de Sá, governador do Rio de Janeiro, as terras que abrangiam a várzea de Jacarepaguá e a Barra da Tijuca. Essas terras faziam parte de um Morgado, onde por falecimento do proprietário, passavam ao primogênito. Com Martim de Sá, um dos filhos de Salvador Correia de Sá, teve início a linhagem dos viscondes de Asseca, título que permaneceu na família Correia de Sá até o 10° visconde de Asseca, com duração de cerca de dois séculos.

Os terrenos no alto do Maciço da Tijuca não estavam incluídos nas terras dos Assecas, mas estes, progressivamente, estenderam seus domínios serra acima, e ocuparam as terras com nascentes de águas para movimentar seus engenhos.

As terras da Floresta da Tijuca tornaram-se propriedades dos viscondes de Asseca, que durante muitos anos as venderam, até a segunda metade do século XIX, quando começaram as desapropriações das áreas situadas nas proximidades dos mananciais de água.

No início, uma espessa floresta cobria a atual área do PNT que, até a metade do século XVII, ficou praticamente intocada. Os Tupinambás foram os primeiros a conhecê-la. Mas não residiam nas matas, eles se estabeleceram no litoral onde viviam do plantio da mandioca, da caça e da pesca. Só penetravam na floresta quando iam buscar frutos silvestres, ou caçar. Os rios da floresta abasteciam com suas águas os primeiros navios que chegaram ao Rio de Janeiro.

Também dela, conseguiam víveres e madeira, que era obtida pelo escambo com os indígenas. Mas não existem registros históricos confiáveis que comprovem a presença naquela época de portugueses e franceses na região onde atualmente se situa o Parque*.

> *Segundo alguns relatos, teriam sido encontrados dois machados indígenas durante a abertura da Avenida Edison Passos.

Provavelmente, o primeiro indício da presença de europeus na região seria um engenho que pertencia aos jesuítas, localizado na Serra da Tijuca.

O juiz de Fora do Rio de Janeiro, Balthazar da Silva Lisboa, no final do século XVIII, em seu trabalho de inspeção em áreas de extração de madeira, elaborou "Anais da Cidade do Rio de Janeiro", em suas anotações e relatórios de viagens informa o que viu nas montanhas da Tijuca. Ele relata que na região existiam importantes fazendas de anil, cana-de-açúcar, milho, mandioca e outras plantações, e também uma rudimentar indústria madeireira. Conta também que no início do século XVII, nas encostas do Morro do Elefante, existiam onze minas de ouro constantemente exploradas, onde foram abertos caminhos calçados de pedra pela encosta, muralhas de arrimo e obras de drenagem. No local foram encontrados alguns fornos de pedra.

As plantações de anil, cana-de-açúcar, mandioca e milho deixaram poucos vestígios. Também a criação de gado foi tentada, mas com pouco sucesso. Os jesuítas, a partir do século XVI, foram os proprietários da sesmaria do Engenho Velho, cujas terras se estendiam por grande parte da atual Floresta da Tijuca, de onde retiravam lenha para seus engenhos. Também se abasteciam de madeira e carvão da Floresta, os engenhos cujos donos não tinham propriedades no local. Alguns bairros receberam o nome de antigos engenhos-de-açúcar como Engenho Velho, Engenho Novo, Engenho de Dentro e Engenho da Rainha.

Com o consumo sempre crescente de madeira, também crescia o inevitável desmatamento. Do século XVI ao XIX, o capim para equinos e muares era consumido em grandes quantidades no Rio de Janeiro. A partir de 1808, com a vinda da família real, os proprietários de sítios na Floresta da Tijuca passaram a fornecer capim para as cocheiras da cidade.
O Maciço da Tijuca teve suas trilhas entre os engenhos, percorridas por lenhadores, carvoeiros, pescadores, e carregadores diversos. Ainda existem partes dessas trilhas e caminhos coloniais no interior da mata.

As Invasões Francesas e a Floresta da Tijuca

Em 1710, o corsário francês Jean François Du Clerc, no comando de 1500 homens, tenta atacar o Rio de Janeiro penetrando no seu porto, mas impedido pelas fortalezas da entrada da Baía de Guanabara, decide desembarcar em Guaratiba e dali, guiado por quatro escravos fugidos de seu senhor, se encaminhou com suas tropas para o centro da cidade. Após sangrenta batalha, foi vencido, preso e assassinado por homens encapuçados, possivelmente por motivos passionais porque tinha fama de sedutor. Os autores do crime nunca foram descobertos.
Para chegar à Santa Teresa, onde começaram as primeiras lutas, os invasores depois de descerem em Guaratiba, vieram por um antigo caminho que passava pela Fazenda do Camorim, Taquara, Campinho e Freguesia. Dali prosseguiram por uma estrada que seguia em direção às serras, passando por dentro das florestas, descendo e subindo morros, até alcançar a fazenda do Engenho Novo dos jesuítas, de onde se dirigiram para o Engenho Velho dos mesmos padres antes de iniciar o ataque.
A trilha percorrida pelos invasores passava pela Garganta do Mateus, um desfiladeiro na parte mais elevada da serra, que corresponde atualmente ao trajeto da Avenida Menezes Cortes

(Grajaú-Jacarepaguá), que faz limites com o setor Floresta da Tijuca, do PNT. Era o chamado caminho dos Três Rios, que passava por dentro da mata e era utilizado há muito tempo por tropeiros, mascates e viajantes diversos.

Como vingança do fracasso da expedição de Du Clerc, a França enviou outro corsário, René Duguay-Trouin, que já planejava invadir o Rio de Janeiro, e que só tomou conhecimento da morte de seu antecessor quando chegou ao Rio. Com forças muito superiores às de Du Clerc, Duguay-Trouin invadiu, dominou e sequestrou a cidade, só indo embora após receber um polpudo resgate. Durante essa invasão, muitas fugas aconteceram. O governador foi para a fazenda do Engenho Novo e o bispo D.Francisco de São Jerônimo e outros religiosos fugiram para grutas na floresta.

Existem relatos de viajantes do século XIX, sobre a existência de vestígios de altares e celas, encontrados na área das Furnas e da Cascata Grande, que teriam sido construídos em 1711 pelos padres e pelo povo quando fugiram de Duguay-Trouin. Por essa razão, durante muito tempo, as Furnas foram conhecidas como "Pedras Santas". Nessa área funcionou um engenho de açúcar no século XVII.

O local recebeu o nome de Furnas de Agassiz, em homenagem ao pesquisador suíço que as estudou em 1865. O prefeito Pereira Passos, em 1903, restaurou a Mesa do Imperador existente no seu interior, durante a gestão do administrador da Floresta, Jorge Losio. Em uma rocha existem gravados os dizeres "Viva Pedro I - 1822".

Depois das invasões dos corsários franceses, para a proteção contra novas investidas, foram colocadas baterias em pontos estratégicos, como os vales que davam acesso à cidade. Seus canhões foram assentados no Desfiladeiro do Engenho Novo e na Garganta do Mateus, esta, situada nos limites do Parque com a Estrada Grajaú-Jacarepaguá, ainda existindo suas ruínas. Uma

terceira bateria também foi instalada na região do Alto da Boa Vista, que ainda podia ser vista em 1838. É bem possível que tenha ocorrido algum tipo de exploração naquelas áreas a partir da existência daquelas fortificações, mas sem nenhuma interferência em relação à floresta.
Em setembro de 1788, Tiradentes e o inconfidente José Álvares Maciel contemplavam a grandeza das matas da Tijuca enquanto conversavam sobre idéias de liberdade. O alferes tinha grandes planos para aquela região. Ele redigiu três requerimentos dirigidos ao vice-rei Luís de Vasconcelos, solicitando a necessária permissão para canalizar as águas dos rios Andaraí, Carioca e Maracanã, para o abastecimento de água da cidade. Tiradentes planejava também construir moinhos nesses locais, e na cidade erguer um trapiche e um embarcadouro de gado.
Em 1792, esteve no Rio de Janeiro a frota inglesa da missão diplomática de Lorde Macartney, em viagem à China. O secretário da embaixada, Sir George Leonard Stauton, fazendo passeios pelos arrabaldes, encontrou plantações de trigo, mandioca e legumes, e em uma floresta da região, um moinho movimentado por um rio que caia do alto de uma pedra. Ele também contou que no alto da Tijuca, existiam plantações de anil, café, mandioca, cana-de-açúcar, cacau, bananeiras e limoeiros. John Barrow, outro membro da missão, informa a presença no vale da Tijuca de plantações de algodão, café, cacau, e frutas, cultivadas por escravos.

A cana–de-açúcar

A extração de madeira transformada em carvão e lenha, a partir do século XVII, foi a real origem da ocupação humana na área do Parque. Como foi nessa época que começaram as plantações de cana, os primeiros moradores provavelmente foram carvoeiros e lenhadores, cujas rústicas habitações não deixaram o menor vestígio. No século XVII, junto com a extração de madeira,

tiveram início os trabalhos na agricultura, e estas duas atividades foram exercidas juntas até o final do século XIX.
Foram de cana-de-açúcar, as primeiras plantações. No começo, elas ocuparam grandes faixas de terra da baixada, passando depois para as encostas, sempre se utilizando a técnica das queimadas, e para exportar a produção para Portugal, tornou-se necessário aumentar sempre a produção.
Existem referências à existência de engenhos de cana-de-açúcar localizados aproximadamente na área onde atualmente existe o Parque. Na Tijuca, o proprietário de um destes engenhos chamava-se Miguel Maldonado que ali se estabeleceu a partir de 1650. Outro, situado na parte da serra que verte para Jacarepaguá, tinha o nome de Nossa Senhora da Cabeça, e pertencia à família Asseca.
Também na região da Gávea, existiram plantações e engenhos. Desses, o que mais se destacava era o de N.S. da Conceição, erguido pelo governador Antônio Salema, nos terrenos da atual Lagoa Rodrigo de Freitas (antiga Sacopenapã), por ordem do rei de Portugal. Em 1808, tornou-se próprio nacional para ali ser estabelecida a Real Fábrica de Pólvora.
Uma grande extensão de terras do Parque, localizada na Serra da Carioca, principalmente a parte que descia para o Jardim Botânico, pertencia ao engenho de Nossa Senhora da Conceição, mas não existem registros sobre o local do canavial.

O café no Rio de Janeiro

Entre 1760 e 1762, o café chegou ao Rio de Janeiro. As primeiras sementes foram provavelmente trazidas do Maranhão por ordem do desembargador Dr João Alberto Castelo Branco, que se transferiu para o Rio, quando foi nomeado chanceler do Tribunal da Relação em 9 de agosto de 1759.

Dessas mudas apenas vingaram: uma que foi plantada no quintal da residência do desembargador, localizada na ladeira do Morro de Santo Antônio; outra plantada no Convento de Santa Teresa; e duas na horta do convento da Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, onde atualmente se encontra o quartel da PM. Desse local saíram sementes que foram plantadas pelo holandês João Hopman, em sua chácara em Mataporcos, atual bairro do Estácio. Mas, quem deu um grande impulso à propagação do café foi o bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castelo Branco, a partir de sua plantação na Fazenda do Capão do Bispo, ainda hoje existente no bairro de Del Castilho. Desta fazenda, algumas mudas foram doadas ao padre Antônio Couto da Fonseca, dono de um sítio em Mendanha, na zona oeste, que se tornou importante polo de expansão do café pela Baixada Fluminense, pelo Estado do Rio, por Minas e São Paulo.

O café na área do futuro PNT

Antes de chegar ao Vale do Paraíba, a cultura do café instalou-se em morros situados na Gávea, em torno da Lagoa, Gávea Pequena, e na Tijuca, na parte mais elevada. A região recebeu a ocupação de nobres, diplomatas e políticos estrangeiros, em maior número de exilados franceses depois da queda de Napoleão Bonaparte.

Vários comerciantes de outros países também se tornaram cafeicultores como já faziam muitos brasileiros. Em 1816, alguns artistas da Missão Francesa compraram propriedades na Tijuca onde plantaram café e fizeram aclimatação de árvores frutíferas.

Alguns nobres franceses também se estabeleceram na região como cafeicultores. O pintor Nicolas-Antoine Taunay fixou-se junto à Cascatinha, inicialmente em rústico rancho de palha, e depois em uma casa em estilo colonial que existiu até os primeiros anos do século XX. Suas terras faziam limites com as do Conde Aymar de

Gestas, do Conde de Scéiy-Montbéliard, de José Lopes da Fonseca e a de Antônio Pedro.
Em 1810, Aymar Marie Jacques chegou ao Rio, e se estabeleceu na Fazenda Boa Vista, onde atualmente está situada a Capela Mayrink. Sua tia, Senhora de Roquefeuil, administrou a fazenda, cujas terras abrangiam a elevação que passou a ser chamada de Pedra do Conde. A plantação de café do Conde Gestas tinha cerca de 30 000 pés, e na fazenda também era feita a aclimatação de baunilha, cana, morangos, uvas e maçãs. Também nas proximidades, acima da Cascatinha, morava a Baronesa de Rouen. Na área, em 1824, o negociante Guilherme Midosi comprou um sítio ao Visconde de Asseca, cujas terras se limitavam com as propriedades de Francisco F. da Silva, e com o Sítio da Caveira, que pertencia a José Antônio de Araújo.

Vários europeus escolheram a região do Corcovado para se estabelecerem, como o inglês Henry Chamberlain, e um ex-oficial do exército de Napoleão, o general de origem holandesa William Young Hogendorp que comprou terras no Morro do Inglês, fora dos atuais limites do Parque, onde além de plantar café, também fabricava vinho de laranjas e explorava carvão. Já Chamberlain era proprietário da Chácara dos Trapicheiros, situada na parte da serra que desce para o Rio Comprido e a Tijuca. Na área acima do Silvestre, também havia cafeicultores. Uma das curvas da estrada, que leva à Capelinha do Silvestre, chama-se ainda de "curva do café".
Na área da Gávea, os cafeicultores se estabeleceram nas terras do antigo engenho de Nossa Senhora da Conceição, principalmente nas encostas voltadas para a Lagoa Rodrigo de Freitas. No Vale dos Macacos, depois transformado no Horto Florestal, em terras pertencentes à Coroa, ainda podem ser vistos alguns pés de café.
Porém, nem toda a área foi ocupada, alguns locais continuaram inalterados. Como a Mata do Pai Ricardo, onde embora tenham

sido encontradas ruínas na floresta, é um dos poucos pontos do Parque ainda com algum vestígio da vegetação primitiva. Nela ainda existe um dos poucos remanescentes da mata atlântica original do Rio de Janeiro: um imenso jequitibá de cerca de 1000 anos, a mais antiga árvore do PNT. Também se acha relativamente preservada a região mais alta da Serra da Carioca, localizada entre o Sumaré e as Paineiras. Estas áreas provavelmente não receberam a ocupação humana pelas dificuldades de acesso a terrenos muito inclinados.

O café era tão importante para a economia nacional na época, que foi representado na Bandeira Real do Brasil de 1822, onde junto com o tabaco, simbolizavam duas riquezas do país. Esta bandeira, um projeto de José Bonifácio de Andrada e Silva, e do pintor Jean Baptiste Debret, foi usada por um curto período, sendo substituída em 1° de dezembro de 1822, pela Bandeira do Império do Brasil, junto com a coroação de D.Pedro I.
Depois de 1822, devido à riqueza proporcionada pela economia cafeeira, a região da Tijuca, que recebera importantes moradores, era também chamada de "Tijuca Imperial".

As duas mais importantes fazendas de café do Rio de Janeiro ficavam na Gávea Pequena, em área do atual Parque. Seus proprietários eram o holandês Charles Alexander Van Mook e o médico francês Louis François Lecesne, um experiente cafeicultor que trabalhou nesse ramo nos Estados Unidos, Cuba e São Domingos, e aqui, tendo como sócios sua esposa Mary Frances Lecesne e o Duque de Luxemburgo, arrendou o Sítio São Louis. Suas terras pertenciam anteriormente à família Asseca e abrangiam a vertente sul do Morro do Cochrane. Posteriormente, os terrenos passaram para seu filho William Lecesne, e foram vendidos em 1853 a Henrique Greenwood, e em 1855 ao Dr. Cochrane, que fez

grandes melhoramentos na propriedade, que depois passou às mãos da família Santos.
O outro grande proprietário, o holandês Van Mook, se estabeleceu no país como cafeicultor e comerciante por volta de 1818. Seu Sitio Nassau era vizinho das terras de Lecesne, ficava no final do Caminho do Córrego Alegre e se estendia à Mesa do Imperador e à atual Estrada da Vista Chinesa, abrangendo grande parte do Morro do Cochrane. Essa propriedade era considerada a mais bem administrada da cidade, e nela havia plantações de mandioca, feijão e hortaliças. Um mapa de 1844, realizado por ordem do Governo Imperial, mostra que ela estava dentro dos limites da Fazenda da União, existindo por isso, a possibilidade de ter sido arrendada à Coroa.

As devastações

Também a Pedra da Gávea e a Pedra Bonita provavelmente tiveram algum tipo de ocupação, porque nos dias atuais acham-se cobertas por mata secundária. Em relação à Pedra da Gávea, não existem informações de alguma forma de atividade, quanto à Pedra Bonita, também não existem registros históricos sobre a presença de cafeicultores em sua área. Geralmente a ocupação era feita inicialmente com a derrubada da mata para obter carvão e depois se plantava nas áreas agora descobertas. O naturalista inglês George Gardner, que esteve no Rio em 1836, no relato de sua viagem informa que assistiu à derrubada da mata virgem do topo da Pedra Bonita, e depois sua transformação em carvão vegetal. Em seu livro Viagem ao interior do Brasil, ele descreve esta devastação:

"Perto da Pedra Bonita há uma fazenda, cuja mata o proprietário está derrubando para converter as arvores maiores em carvão de lenha. Dos troncos maciços de algumas delas, recentemente cortadas, obtivemos lindas orquídeas e vários outros exemplares pertencentes à família das Melastomáceas Mirtáceas, Compostas e Leguminosas"

O Conde de Gestas, que também utilizou esses mesmos métodos de ocupação, publicou na revista "O auxiliador da indústria Nacional", a "Memória sobre os Abusos das derrubadas e cortes de madeiras", onde criticava o fato de que "a funesta máxima de destruir matos a torto e a direito está vulgarizada no Brasil" e condenava "a negligência que em geral se nota em todo o Brasil pela conservação das madeiras e que preside ao corte delas, onde nascem milhares de inconvenientes tanto para a economia rural como para as artes". Ele finalizava fazendo um apelo "pela conservação das matas por serem estas riquezas certas, e ser do homem cordato o não desperdiçar o que possui".
Em "*Manual do Agricultor Brasileiro",* publicado em 1839, Carlos Augusto Taunay, filho do pintor e cafeicultor Nicolas Antoine Taunay, condenava as queimadas e devastações feitas em sua época. Nesse livro, ele criticava o "sistema permanente de devastação que assola e desguarnece as fraldas da Serra do Corcovado e das Serras da Tijuca".
A parte da Serra da Tijuca, vertente para o Vale do Grajaú e o Andaraí, foi ocupada por fazendas e café. Nessa região acham-se as ruínas da fazenda Vila Rica, caminhos de pedra, antigas trilhas e vestígios de fornos de pedra utilizados para queimar carvão.
Existem também ruínas e caminhos no Vale do Elefante, e na área do Parque que faz divisa com a Avenida Menezes Cortes (Grajaú-Jacarepaguá), como as da Fazenda Cantagalo.

Por volta de 1840, com o surgimento de pragas e o esgotamento natural do solo, as plantações de café foram para o vale do rio Paraíba do Sul à procura de terras virgens. As grandes fazendas de café, situadas nas encostas do maciço da Tijuca, foram retalhadas em chácaras, quando o Vale do Paraíba ocupou o lugar de líder no plantio de café. Estas chácaras foram aos poucos sendo adquiridas por membros da elite, como o Conselheiro Mayrink e outros. Chegaram aos dias atuais várias casas de chácaras, umas como patrimônio do Parque, na Floresta da Tijuca, e outras pertencendo a particulares. Na Floresta existem: A Fazenda, a Capela Mayrink, o atual restaurante Esquilos, onde residiu o tenente-coronel Gastão d`Escragnolle, a "Solidão", onde morou o Visconde do Bom Retiro, depois restaurada pelo IPHAN, onde a sede campestre da Sociedade Brasileira funcionou de 1943 até a década de 1980, e a sede da fazenda São Luiz, de Lecesne, hoje pertencente à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e que foi excluída dos limites do Parque.
Algumas foram demolidas, como a que pertenceu a Taunay, junto à Cascatinha, e outras, como a sede da antiga fazenda de café Vila Rica, no Grajaú, deixaram apenas algumas ruínas invadidas pela vegetação. Em várias propriedades, além das frutas e do café, também eram produzidas hortaliças, para comercialização e mandioca para a alimentação dos escravos. Já em relação a atividades como a pecuária, não existem referências sobre os locais onde poderiam ter existido.

Primeiras Plantações de café na Cidade do Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX

1- Chácara dos Barbonos
2- Chácara do João Hopman
3- Chácara do Capão do Bispo
4- Chácara do Portão Vermelho

5- Propriedade do Dr João Borges
6- Fazenda do Pica-Pau
7- Fazenda do Engenho da Serra
8- Fazenda da Covanca
9- Fazenda do Engenho d' Água
10- Fazenda da Taquara
11- Sítio do Cafundá
12- Sítio Pau da Fome
13- Vargem Pequena
14- Fazenda do Realengo
15- Fazenda do Bangu
16- Fazenda do Lamarão
17- Fazenda dos Coqueiros
18- Fazenda do Mendanha
19- Fazenda do Guandu da Serra
20- Fazenda Rio da Prata do Mendanha
21- Fazenda dos Palmares
22- Fazenda do Pedregoso
23- Fazenda das Capoeiras
24- Fazenda do Viegas
25- Fazenda da Cachoeira do Cabuçu
26- Fazenda do Magarça
27- Fazenda da Cachamorra
28- Fazenda do Mato Alto
29- Fazenda do Morgado
30- Fazenda da Ilha
31- Fazenda do Engenho de Fora
32- Fazenda da Grota Funda
33- Fazenda do Rio Mundo
34- Fazenda das Piabas
35- Fazenda do Grumari

Fonte: Silvio Froes Abreu

Escravidão na Floresta

O número de escravos nas montanhas da Tijuca era relativamente pequeno, porque as propriedades ali instaladas eram de pequeno porte, exceto as fazendas mais antigas localizadas das vertentes do Andaraí Grande, que tiveram origem nas terras dos Jesuítas, leiloadas em 1762.
Vários proprietários de terras do Alto da Boa Vista geralmente não moravam no local, fazendo apenas visitas esporádicas. De uma forma geral, lá residiam capatazes ou feitores, responsáveis pela administração das plantações de café para seus donos, ou então meeiros que dividiam os frutos do seu trabalho com os proprietários.
Pelos vestígios históricos de senzalas, depois de verificadas suas dimensões, conclui-se que cada proprietário deve ter possuído aproximadamente 35 escravos.
De acordo com os depoimentos de Maria Graham, Agassiz, Saint-Hilaire, visitantes que estiveram na Floresta da Tijuca no século XIX, a jornada de trabalho era bastante dura na ocasião da colheita de café, ficando um pouco mais suave fora dessa época. Os escravos operavam moendas, queimavam os grãos em fornos de pedra rudimentares, ensacavam os grãos e os transportavam em lombo de burros. Algumas vezes nas áreas das senzalas, foram encontradas louça comercial, garrafas, moringas e copos. Achados também mostram a evidência de locais onde se reuniam para conversar ou cultuar seus deuses. Em alguns abrigos rochosos foram encontradas peças de louça e vidro, e na entrada da Caverna dos Morcegos, foi encontrada uma perfuração na rocha, onde era fixado um archote para iluminar o local.